

CICLO VITAL DOS EXTRATOS MÉDIOS DE FAMÍLIAS URBANAS DE SALVADOR/BAHIA NA FASE MADURA

Bruno Lima Cardoso
Clenilson Luiz Passos Costa
Irineu Menezes
Lidianne Barbosa da Silva Gomes
Márcia Cristina Sousa Fonseca
Michele Campos Almeida de Jesus¹

RESUMO: Esta pesquisa objetivou analisar as características de famílias urbanas dos extratos médios da população de Salvador/Bahia que se encontram na fase madura do ciclo vital da família. O estudo foi realizado com 40 famílias. Os participantes responderam ao questionário baseado na pesquisa *Ciclo vital dos extratos médios de famílias urbanas no Brasil*, que se mostrou adequado para compreender a dinâmica e os valores das famílias da cidade de Salvador. Os dados coletados foram submetidos ao programa SPSS para *Windows* e, em seguida, houve descrição deles. Os principais resultados encontrados foram: os filhos adultos têm saído da casa dos pais para casar, estudar, trabalhar, ter mais autonomia e independência, embora ainda seja significativa a permanência por mais tempo dos jovens na casa dos pais e dos casamentos tardios. O relacionamento entre pais e filhos adultos parece denotar um conflito nesta fase madura do ciclo vital da família.

Palavras-chave: Família. Ciclo vital. Fase madura.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the characteristics of urban households the average extracts of the population of Salvador/Bahia that are in the mature stage of the family life cycle. The study was performed in 40 families. Participants answered the questionnaire based on research *Vital cycle of average extracts of urban households in Brazil*, which was adequate to understand the dynamics and values of families in the city of Salvador. Data were subjected to SPSS for *Windows*, and then there was description of them. The main findings were: adult children have left the parental home to marry, study, work, have more autonomy and independence, although it is significant to stay longer young people in the house of parents and late marriages. The relationship between parents and adult children seems to denote a conflict in this mature stage of the family life cycle.

Keywords: Family. Life cycle. Mature phase

¹ Alunos da disciplina “Contextos familiares: vínculos de identidade e pertencimento”, oferecida no segundo semestre de 2014 a alunos regulares e especiais do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal, coordenada pelas professoras Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira e Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

INTRODUÇÃO

Não há um acordo sobre a definição de família, principalmente quando esta passa por transformações tão rápidas. Uma definição a ser obrigatoriamente aceita seria a legal, conforme a Constituição Brasileira. Nela, definiu-se a família como a união estável entre o homem e a mulher e a formada por qualquer um dos pais e seus descendentes. A própria Constituição, assim, adota uma pluralidade de modelos de família e de padrões de conduta, reafirmando que a noção de família se une, de um lado, a um sistema de regras e de convenções sociais e, de outro, “como manifestação da variedade de valores e das relações humanas” (KOERNER, 2002, p. 96 *apud* PETRINI & CAVALCANTI, 2005).

A família encontra-se em constante mudança por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. O processo social dos últimos séculos acelerou as mudanças, com conseqüências substanciais em todos os aspectos da convivência humana. A família, integrada nesse contexto, necessariamente passa por transformações de tal magnitude, que parece prestes a desaparecer (PETRINI, 2003).

É difícil traçar um perfil único da família brasileira, tanto no que se refere a sua configuração quanto a sua estrutura. Contudo, nas últimas duas décadas foi possível observar algumas tendências que marcaram o movimento de redefinição e de funcionamento dos núcleos familiares. Estudos, já no início dos anos noventa, apontaram uma tendência de diminuição do número de pessoas que compunham a família, um aumento do número de divórcios e recasamentos, uma maior participação da mulher na manutenção econômica do lar, o aparecimento dos casais de dupla carreira, diferentes maneiras de compartilhar papéis no exercício das funções parentais (WAGNER; PREDEBON; MOSMANN; VERZA, 2005).

Ríos-González (2005), menciona que, no lugar de alardear que a família está em crise, é importante focar que o que ocorre, na verdade, é uma crise do modelo tradicional de família. Parte-se da premissa de que já não se tem parâmetros que definam de forma precisa o conceito de família, sua composição e funcionamento, sendo imprescindível que se faça uma análise mais aprofundada das famílias atuais.

A estrutura e o funcionamento familiar modificam-se ao longo do ciclo vital para adequarem-se às mudanças em seus membros e às vicissitudes da vida. Existem momentos

em que predominam as forças centrípetas, como no nascimento das crianças, com as famílias tendendo a se aglutinar, enquanto em outros prevalecem as centrífugas, como na adolescência dos filhos, quando as famílias se abrem para o exterior, facilitando entradas e saídas do sistema familiar. As fases da família devem ser vistas sem rigidez, já que, na prática, encontram-se situações mistas, como, por exemplo, os pais de adolescentes e também de um bebê temporão, precisando simultaneamente responder às necessidades de duas fases diferentes do desenvolvimento (FALCETO; WALDEMAR, 2013).

Segundo Cervený (1997), a família em sua vida passa por quatro fases: a de *aquisição* (início da construção familiar e o casal poderá ter filhos pequenos ou ainda não ter filhos), a de *adolescente* (os filhos já são adolescentes e geralmente questionam tudo), a de *maturidade* (os filhos saem de casa para construir sua própria família ou para estudar e/ou trabalhar e o casal volta a ficar só) e a *fase última* (fase dos pais serem cuidados pelos filhos). Este estudo focará a fase da *maturidade*.

De acordo com Falceto e Waldemar (2013), as fases do ciclo vital da família são divididos em: *casal sem filhos, casal com filhos pequenos, família com filhos adolescentes e saída dos filhos de casa e o “ninho vazio”*.

Na classe média, os jovens estão permanecendo mais tempo na casa dos pais e casando mais tarde. Isso se deve a vários fatores. Em primeiro lugar, tem-se um mercado de trabalho competitivo que valoriza anos de pós-graduação. Depois, é necessário ainda tempo para conseguir um emprego que propicie condições de manter uma mínima independência econômica. Por último, têm-se as mudanças culturais, facilitando que os jovens mantenham uma vida sexual ativa na casa dos pais. A escolha do cônjuge pode apresentar um estágio inicial de coabitação e tende a ser mais adequada quando o jovem já está mais maduro e individualizado da família de origem (FALCETO & WALDEMAR, 2013).

Segundo os autores acima, o elemento organizador da vida familiar e de seus ciclos é o cuidado dos filhos. A chegada do primogênito traz novas identidades: transforma o casal em família, o marido em pai, a esposa em mãe e os pais destes em avós. Há, de um lado, a celebração familiar; do outro, as dificuldades e os medos comuns sobre como lidar com o bebê recém-chegado.

A adolescência é a fase de transição da infância para o mundo adulto. O adolescente reivindica os privilégios do adulto, que devem vir junto com as responsabilidades. Para isso, o adolescente necessita sentir que controla aspectos importantes de sua vida: aparência física,

escolha de amigos, horários, mesada, etc. Esses são temas típicos de conflito com os pais, que precisam de muita flexibilidade e bom senso para lidar com os filhos nessa idade. Eles os confundem, pois é comum que ora se portem como criança, ora como adultos. O transcorrer da vida determina que na adolescência dos filhos seja frequente o casal enfrentar a crise da meia-idade e os avós comecem a apresentar problemas de saúde (FALCETO & WALDEMAR, 2013).

De acordo com Falceto e Waldemar (2013), como resultado do prolongamento da estada dos filhos na casa dos pais, a fase de saída dos filhos de casa comumente começa quando o casal já está além dos 50 anos. Com a idade média de vida aumentando, o “ninho vazio” tornou-se a fase mais longa do ciclo vital da família. A aposentadoria, além de possíveis perdas financeiras, traz, muitas vezes, uma diminuição do prestígio pessoal. Nas empresas familiares, é frequente que ocorra um período prolongado de transição, com a velha guarda passando com alguma dificuldade o comando para a nova geração. Nesse processo, conflito com os pais e entre irmãos são comuns.

O casal precisa se acostumar a viver de novo um só com o outro, a cuidar de sua saúde e procurar novas formas de distração e sentido para suas vidas. A universidade da terceira idade e trabalhos sociais voluntários são, para muitos, ótimas opções. Muitos pais têm condições e gostam de continuar ajudando os filhos, enquanto outros sentem isso como uma sobrecarga. Situação muito delicada para todos os envolvidos é a dos idosos, saudáveis ou não, que precisam de ajuda financeira da família e, muitas vezes, de cuidado 24 horas por dia (FALCETO & WALDEMAR, 2013).

Os mesmos autores afirmam que, em vários países do mundo ocidental, pelo menos 30% dos casais separam-se ao longo da vida, sendo que 50% dos primeiros divórcios ocorrem antes de sete anos de casamento. A maioria dos que se separam volta a casar, sendo que a taxa de separações no segundo casamento é ainda maior. O que está acontecendo é que, mesmo se separando mais, as pessoas continuam casando e recasando, pois parece que o ser humano ainda não encontrou forma melhor de criar filhos e satisfazer necessidades básicas de segurança e intimidade.

Diante do contexto familiar atual, a presente pesquisa tem por objetivo geral analisar as características de famílias urbanas dos extratos médios da população de Salvador/Bahia, de acordo com as fases do ciclo vital da família. Neste caso, a fase escolhida pelo grupo para a realização desta análise foi a da *maturidade*. Este estudo foi desenvolvido na disciplina

“Contextos familiares: vínculos de identidade e pertencimento”, oferecida no segundo semestre de 2014 a alunos regulares e especiais do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal, coordenada pelas professoras Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira e Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Tal estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Ciclo vital dos extratos médios de famílias urbanas no Brasil” que é coordenada por duas professoras da PUC-SP, a Dra. Rosa Maria S. de Macedo e a Dra. Ida Kublikowski. Tal investigação visa analisar as características de famílias urbanas dos extratos médios da população, no Brasil, comparando resultados obtidos em capitais das diferentes regiões do País, de acordo com as fases do Ciclo Vital da Família. Esse estudo maior foi desenvolvido nas seguintes cidades: Aracajú (Sergipe), Brasília (Distrito Federal), Vitória (Espírito Santo), Florianópolis (Santa Catarina), Macapá (Amapá), São Paulo (São Paulo) e agora será realizado em Salvador (Bahia).

METODOLOGIA

Delineamento

Optou-se, neste estudo, pela realização de entrevistas individuais a partir de um roteiro de entrevista. Buscou-se garantir qualidade nas respostas pela realização de coleta de dados com entrevistadores treinados. A literatura afirma que a construção de um instrumento para utilização em um *survey* prevê a elaboração de questões específicas, caracterizadoras do objeto estudado (RAY, 1993).

Outro elemento caracterizador de um *survey* é a constituição da amostra. Os estudos de *survey* contêm questões que dizem respeito a uma população. O grande número de membros desta população, a impossibilidade de entrevistar todos e também a compreensão de que isso é desnecessário são considerados os procedimentos para garantir a representatividade da amostra, assumindo que os estudos de *survey* sempre apresentam os critérios para constituição do grupo amostral. É sabido que a representatividade estatística e a aleatoriedade para constituição da amostra são critérios reconhecidos; entretanto, exigem a realização de uma série de tarefas que garantam o mapeamento de todos os membros elegíveis de uma população (ou seja, conhecimento da população objeto). No estudo ora apresentado, seria necessário o conhecimento das famílias de classe média urbana de Salvador. Como não se dispõe de tais informações sobre o universo de famílias nestas condições, optamos por uma

amostra arbitrária, mas escolhida de forma a garantir que sua seleção não fosse enviesada. O caminho de delimitação de tal amostra se discute a seguir.

Diante das pretensões e das condições de realização do estudo, recorreu-se à constituição da amostra a partir das redes sociais dos entrevistadores e de indicações dos entrevistados. Portanto, seguiu-se a técnica conhecida como “bola de neve”. A amostra constituída a partir do critério “bola de neve” está mais exposta a tendenciosidades. Por exemplo, pessoas com hábitos e crenças próximas, em geral, formam e mantêm relações mais facilmente, assim como grupos constituídos por referências podem ser imagens de seus membros ou mesmo de seus líderes e não representativos da realidade social de uma cidade como Salvador (BECKER, 2007). De forma a minimizar esses vieses, decidiu-se manter, na medida do possível, uma diversificação de bairros.

Local e participantes

O estudo foi desenvolvido na cidade de Salvador (Bahia). Foram participantes 40 adultos, membros de famílias de classe média urbana da referida cidade, considerados como responsáveis pela respectiva família. Sendo assim, o marido, a esposa ou outra pessoa que desempenhe este papel.

Os participantes foram divididos, conforme o ciclo vital da família: a fase madura (com 21 a 30 anos de união conjugal; o primeiro filho com a idade entre 21 a 30 anos e o último deverá ter de zero a 30 anos).

A fase madura a qual se retrata esta pesquisa obteve um total de 40 entrevistados. Sendo 75% mulheres e 25% homens. A idade dos homens, em sua maioria, varia entre 46 a 55 anos em 40% dos entrevistados. A idade das mulheres também varia entre 46 a 55 anos em 62,5% das entrevistadas. No que diz respeito à escolaridade dos maridos, 37,5% possuem pós-graduação. A escolaridade das esposas 50% possui pós-graduação. A religião adotada pela família 57,5% é católica; 10% são espíritas cardecistas; 10% são evangélicos e 10% afirmaram não possuírem religião alguma.

Crítérios de inclusão: (a) ser o adulto responsável pela respectiva família; (b) residir em “bairro nobre” de Salvador (Bahia), conforme classificação que consta em carnê de IPTU da referida cidade; (c) apresentar renda familiar igual ou superior a cinco salários mínimos; (d) estar em uma das quatro fases do ciclo vital da família; (e) aceitar participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Riscos: os participantes poderiam sentir-se constrangidos pelo fato de serem abordados conteúdos íntimos da família. Caso isso tivesse ocorrido, os psicólogos do grupo de entrevistadores forneceriam apoio psicológico a eles.

Benefícios: os participantes poderiam refletir sobre a sua realidade familiar e com os dados obtidos poderá ser fornecidos subsídios para o trabalho educativo e/ou terapêutico com famílias do contexto de classe média de Salvador.

Instrumento

Foi utilizado como instrumento um roteiro de entrevista baseado na pesquisa “Ciclo Vital da Família” (CERVENY; BERTHOUD, 1997) revisto e ampliado em 2004, por Cerveney e Macedo.

Ele caracteriza-se por 97 questões fechadas que estão subdivididas nos seguintes tópicos: (1) identificação; (2) sobre os filhos; (3) sobre a renda familiar; (4) sobre o relacionamento do casal; (5) sobre a vida em família; (6) sobre os filhos pequenos; (7) sobre os filhos adolescentes; (8) sobre os filhos adultos; (9) sobre os netos; (10) sobre a aposentadoria; (11) sobre viuvez; (12) sobre a vida na comunidade; (13) sobre a família recasada.

Os tópicos 1, 2, 3, 5 e 12 foram aplicados em todos os participantes. As demais partes somente seriam aplicadas se fossem pertinentes à realidade da família cujo responsável estiver sendo entrevistado.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente entrou-se em contato com as organizadoras do estudo “Ciclo vital dos extratos médios de famílias urbanas no Brasil”, duas professoras da PUC-SP, a Dra. Rosa Maria S. de Macedo e a Dra. Ida Kublikowski. Elas coordenaram investigação que visou analisar as características de famílias urbanas dos extratos médios da população, no Brasil, comparando resultados obtidos em capitais das diferentes regiões do País, de acordo com as fases do Ciclo Vital da Família. Como informado anteriormente, tal estudo foi desenvolvido nas seguintes cidades: Aracaju (Sergipe), Brasília (Distrito Federal), Vitória (Espírito Santo), Florianópolis (Santa Catarina), Macapá (Amapá) e São Paulo (São Paulo).

Em tal contato foi combinado que duas professoras do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) replicariam tal pesquisa na cidade de Salvador

(Bahia). Assim, a investigação foi proposta aos alunos regulares e especiais da disciplina “Contextos familiares: vínculos de identidade e pertencimento” ministrados pelas referidas professoras no segundo semestre de 2014. Sendo elas, Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira e Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Assim, houve revisão de literatura e a construção do projeto de pesquisa que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal. A coleta de dados ocorreu após a aprovação de tal comitê e os pesquisadores seguiram as orientações, bem como as determinações éticas que constam na Resolução 466/2012 que envolve pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa teve a aprovação sob o parecer de número 824.360/14, cumprindo os procedimentos éticos para sua aprovação e realização.

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica conhecida como “bola de neve”, na qual a amostra é constituída a partir das redes sociais dos entrevistadores e de indicações dos entrevistados.

Assim, os alunos da disciplina, que foram devidamente treinados, convidaram pessoas do seu convívio que se encontravam dentro dos critérios de inclusão para participar da investigação. Os que aceitaram, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram realizadas em local de convivência dos participantes e, ao término, os mesmos indicaram outros possíveis participantes. Por se tratar de questões fechadas, não houve necessidade de as entrevistas serem gravadas.

Procedimento de análise de dados

Para análise de dados foi utilizado o “Statistical Package for the Social Sciences”, SPSS, em sua versão 11.0. Os números brutos foram transformados em porcentagens permitindo, então, caracterizar as famílias participantes. Identificação das famílias em fase madura

Das 40 famílias entrevistadas, 75% foram mulheres, enquanto 25% homens. Divisão essa que se deu pela disponibilidade de cada membro responsável por suas respectivas famílias. Vale ressaltar que não houve inferência do pesquisador no momento da entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre família, deve-se sempre ter em vista o pouco que sabemos, apesar de uma vasta literatura. É necessário tomar vários cuidados para não generalizar, na medida em que não estamos falando de sujeitos, mas da relação entre eles e de todas suas diversidades. Em especial, as famílias brasileiras apresentam ainda algumas particularidades, assim como a família baiana. Para Gilberto Velho (1996), apesar da família brasileira participar de uma tradição ocidental moderna, por outro, tem características próprias com direções e interpretações particulares.

Se o conceito de família é algo complexo, identificar a classe média baiana (brasileira) é ainda mais complicado, já que essa vem sofrendo grandes alterações e não existe uma conceituação exata. Pesquisas indicam que 30% da população do país (+ou- 45 milhões de pessoas) abrangem esta categoria. Apesar destes números exatos, sabemos que este é um conceito de autodefinição, por tanto, sempre haverá traços subjetivos.

A família baiana, assim como a família brasileira, traz mais preocupação com o ideal de igualdade, apesar de um grande tradicionalismo. Caminhando na mesma direção das famílias ocidentais, a família baiana, na fase madura, possuem as mesmas características marcantes de outras localidades: uma maior autonomia dos filhos, buscando sua própria família - 75% das famílias trouxeram este dado como principal motivo para sua saída de casa - o reencontro do casal que observa, gradualmente, a saída dos seus filhos do lar – observa-se, nos dados coletados, que sua grande maioria (80%) esta separação é conotada positivamente - e o retorno de alguns dos membros que, por sua vez, não conseguiu autonomia suficiente para “caminhar com as próprias pernas” ou de outros membros mais idosos que precisam de novos e especiais cuidados.

Relacionamento do casal em fase madura

Foram entrevistados 40 responsáveis pelas famílias sobre a relação atual do casal, 69,2% responderam ser uma relação amorosa, 12,8% afirmaram ser uma relação amigável, 2,6% acomodada e 2,6% consideraram uma relação desrespeitosa. No que diz respeito a atual relação do casal, 85% dos entrevistados relataram que há diálogo constante e 5% consideraram diálogo difícil. Segundo Falceto e Waldemar (2013), a saúde da família depende da relação estabelecida entre os adultos, quando estes se relacionam bem, o diálogo é

aberto e franco, fazendo com que os cônjuges sintam-se valorizados, facilitando a convivência do casal e da família, o que facilita a circulação do poder.

Para Cunha (2013), a família é o lugar de transmissão de cultura e o primeiro abrigo para o homem, onde serão formadas suas crenças e valores, construção de identidade e preparação para a vida, quando existe um diálogo constante.

Segundo a autora citada acima, existe uma necessidade inerente ao ser humano: afeto/amor, isso é imutável, mesmo com o advento tecnológico e as mudanças ocorridas nos últimos anos. O que se confirma com os dados analisados na presente pesquisa, onde se estabelece uma relação amorosa na maioria da família dos entrevistados.

Com relação à vida sexual do casal atualmente, 45% responderam que é muito boa, 30% disseram ser razoável, 10% abaixo das expectativas e 5% dos entrevistados não quiseram responder a essa pergunta.

De acordo com Laranjeira (2004), uma das funções vitais do organismo é a busca pelo prazer, razão pela qual o homem tende a realizar atividades como comer, manter relação sexual, entre outras, que por serem inerentes ao organismo são chamadas Recompensas Naturais, que o ser humano busca em seus relacionamentos, o que por vezes pode ser mascarado pelas respostas, visto que, a maioria dos entrevistados foram mulheres, que segundo Cunha (2013), tendem a idealizar ou romantizar os relacionamentos, não expressando e /ou minimizando quando existe uma dificuldade na área sexual.

Quando perguntados sobre a atual dificuldade enfrentada pelo casal, os entrevistados salientaram vida profissional (17,9%) e dinheiro (17,9%), seguida de relação com os filhos (12,8%) e saúde (12,8%) e, por fim, relacionamento conjugal (7,7%).

No que se refere às dificuldades, foi percebido que as mais destacadas foram a vida profissional e financeira, o que nessa fase já se esperava estar estabilizado, entretanto, pela nova configuração familiar, isso também sofreu impactos, mudando a atual realidade da família na fase madura.

Sobre a vida em família na fase madura

Das 40 famílias entrevistadas a respeito das funções familiares e de qual membro seria o mais companheiro, 71% responderam pai e mãe, 12,9% responderam o pai e 9,7 % responderam a mãe e 3,2% responderam que são os filhos. Nas relações familiares, em 65,8%, os diálogos são mais frequentes entre pais e mães.

De acordo com Rios-Gonzalez (2003), os papéis familiares resultam de funções fundamentadas nas relações familiares e também nas atribuições que a própria família direciona a determinado membro. Pode-se perceber que pai e mãe podem desempenhar papéis semelhantes no sistema familiar, bem como é possível que um membro desempenhe uma função oposta do que se espera daquele sujeito, por exemplo, um pai que pode ser irmão, filho, existindo desta forma flexibilidade. E esta relação ser construída e pautada na confiança e transparência.

Quanto aos cuidados dispensados aos filhos, 68,4% disseram que são responsabilidades da esposa e do marido, 15,8% responderam que é responsabilidade da esposa e 2,6% responderam que são dos avós e 2,6% responderam que são dos filhos.

O discurso social aparentemente descreve o casamento ideal como sendo aquele em que tanto o marido quanto a mulher investem em suas carreiras profissionais e compartilham a responsabilidade pela criação dos filhos e os cuidados com a casa (ROCHA-COUTINHO, 2005).

De acordo com Cerveny (1997), com o nascimento do filho (a), o casal forma uma nova família, ela traz percepção social e reconhecida sua união.

Berthoud (2002) relata que esta é uma vivência ímpar no âmbito emocional e psicológico do indivíduo, acarretando transformações peculiares no homem e na mulher. Deste modo, reestruturando e reconstruindo os papéis nesta fase da vida familiar.

Diante do exposto e das respostas dos entrevistados, prevaleceu um envolvimento equiparado de papéis na participação dos cuidados com os filhos. Demonstrando uma acentuada mudança na organização da família moderna. Vale ressaltar que ainda é notória a presença de mulheres em ocupações domésticas e do homem como encarregado de manter e dirigir a família (CERVANY; BERTHOUD, 1997).

Perguntadas sobre as regras que são ou que foram adotadas pelo casal em relação à educação dos filhos, 66,7% afirmaram ter sido discutidas e construídas pelo casal, 12, 8% baseadas nas regras de educação familiar da mulher, 10,3% baseadas em literaturas, informações/conselhos e 5,1% baseadas nas regras de educação familiar do homem.

De acordo com Cerveny e Berthoud (1997, p. 191), afirmam que se tratando da mesma questão, apresentando o mesmo índice de respostas em sua pesquisa que, "as famílias tentam uma inovação na forma de educar seus filhos, de certa forma, rejeitando os modelos das famílias de origem", desenvolvendo seu próprio modo e preocupando-se com a construção de uma base unificada.

Como metas das famílias em fase madura, em primeiro e segundo lugar, respectivamente, apareceram os itens como, promover os estudos e formação dos filhos 40%, fazer um balanço da vida 20%, seguido de organizar o futuro dos descendentes, também 20%. Já, 7,5% responderam cuidar dos avós e outros e 2,5% construir a família.

Segundo Falceto e Waldemar (2013), os jovens estão saindo cada vez mais tarde da casa dos pais devido a diversos fatores. Sejam de ordem financeira, emocional ou cultural. O mercado está cada vez mais competitivo. O interesse em continuar valorizando os estudos. A comodidade das relações interpessoais na casa dos pais e também, por outro lado, as instabilidades das relações afetivas casamentos/descasamentos, dentre outras questões, adiam a saída do jovem da casa dos pais ou promove o retorno deste jovem para casa dos pais.

Cabe destacar que 40% dos entrevistados afirmaram que, nesta fase da vida, preocupam-se em promover estudos e formação dos filhos, tendo em vista a vulnerabilidade da globalização, assim como o processo de transição para fase adulta não é mais determinado pela linearidade do modelo tradicional. Existe, deste modo, uma preocupação mais estendida dos pais em relação à vida adulta e suas implicações para com seus filhos. Vale ressaltar que estes pais também possuem uma dependência seja emocional ou de outra ordem deste filho. Podendo existir um sentimento de vazio, desorientação, surgir um misto de questionamentos no que se refere a criação de seus filhos.

Ser responsável pelo sustento econômico, (42,1%) reponderam pai e mãe,(39,5%) responderam que seria o pai e (13,2%) a mãe.

Atualmente, neste novo século, esta é uma das questões mais discutidas devido ao novo cenário e as novas transformações funcionais e estruturais da família moderna. As mulheres estão cada vez mais conquistando uma fatia considerável do mercado de trabalho, exercendo atividades profissionais diversificadas e, com isso, estabelecendo uma nova estrutura conjugal.

A mulher passou a ter expressão na força de trabalho, participando de atividades antes reservadas ao homem (JABLONSKI, 1998). A mulher contribui com a renda familiar, ou então, assume financeiramente o sustento da família. Para Freitas (2004), o lugar que a mulher moderna ocupa, atualmente, no mercado de trabalho, administrando cargos de chefia e decisão, tornou-a consciente de sua capacidade profissional. Entretanto, a variedade de papéis que a mulher desempenha em casa no cuidado com os filhos e fora do lar, continua sobrecarregando-a.

Sobre Filhos adultos

Dentre os 40 entrevistados, 42,5% têm filhos que não são casados (estão solteiros ou estabelecem união consensual) e 25% são casados. Com relação aos motivos da saída dos filhos, 20% dos entrevistados afirmam que eles saem de casa para casar (formal e/ou informal), 20% não saem de casa, 8,6% moram fora para estudar, 5,7% estão em empregos distantes, 2,9% querem suas independências e 2,9% saem de casa devido a desentendimentos com familiares (dificuldades de relacionamento).

Segundo Carbone e Coelho (1997), sair de casa para casar ou para cursar a universidade são, de certa forma, características decorrentes dessa fase. Parece estar aumentando, na nossa cultura, a saída natural do jovem adulto da casa dos pais.

Por outro lado, para Falceto e Waldemar (2013), na classe média, os jovens estão permanecendo mais tempo na casa dos pais e casando mais tarde devido a vários fatores, como mercado de trabalho competitivo que exige anos de pós-graduação, tempo para conseguir emprego que propicie independência econômica e facilidade dos jovens ao levarem vida sexual ativa na casa dos pais.

Citando novamente Carbone e Coelho (1997), o filho deixa a casa de origem levado muito mais por fatores sociais externos, às vezes não previstos (casamentos prematuros, brigas com os pais) que, por um natural processo de individualização, leva a uma resposta prevista de “procurar um canto” para estar só e entre seus pares como jovem adulto.

Ao se perguntar sobre dificuldades com relação aos filhos, observa-se que 51,3% dos entrevistados não têm dificuldades, 5,1% dos filhos têm dificuldades de sair da casa do pais, 2,6% voltam para casa após divórcio, 2,6% possuem imaturidade e dependência emocional dos pais e 2,6% dos filhos são dependentes financeiramente.

No sentido de desenvolvimento, pode-se salientar que os filhos adultos jovens foram preparados para saírem de casa com senso de independência e capacidade de constituir família. Paralelamente a eles, estão os pais que atingiram outro momento da vida adulta e, supostamente, deveriam ter se preparado para a saída desses filhos agora adultos. É chegado então o momento em que pais e filhos podem se reconhecer como pares: os filhos jovens alcançam o status de adulto e, os pais, o de adultos maduros (CARBONE; COELHO, 1997). Parece que pais e filhos, nesta pesquisa, estão preparados para o processo de saída dos filhos de casa e do enfrentamento de problemas comuns na fase madura do ciclo vital.

De acordo com as mesmas autoras, a individuação de um filho é um anseio familiar de reprodução social, no entanto denota uma forte ambivalência na forma como pais e mães relacionam-se com seus filhos, tratando-os como adultos responsáveis e independentes, mas exercendo uma vigilância contínua no que diz respeito ao modo como essa autonomia se realiza. Nesta fase do ciclo vital, há a necessidade de ultrapassar um estágio necessário na vida da família. Por outro lado, a ambiguidade presente nesta fase não é somente uma característica atual, mas também parece denotar o padrão de interação presente desde gerações anteriores dessa família, transmitindo intergeracionalmente por meio da comunicação.

A saída dos filhos de casa provocou mudanças nas famílias de fase madura do tipo: 25% não provocaram mudanças, 7,5% provocaram na relação do casal, 5% financeiras, 5% nas regras e nos limites de casa, 2,5% nas tarefas domésticas, 2,5% nas comemorações de datas festivas e 2,5% na relação com os filhos.

Um dos eventos referenciais dessa fase é a saída do primeiro filho de casa, que também caracteriza sua independência e capacidade de gerir a própria vida. Parece que a minoria dos pais e filhos desta pesquisa vinha se preparando para o momento da separação. Carbone e Coelho (1997) afirmam que, com a saída do último filho, os pais se verão de novo como um casal, dois indivíduos, duas individualidades, talvez já um pouco esquecidos do treino de voltar-se para si. Esses dois, que até então se voltaram para os filhos, unindo forças numa direção o mais próximo possível, poderão de novo experimentar o arranjo de casa.

Para as autoras citadas anteriormente, haverá redução estrutural da família que é representada por uma separação entre pais e filhos e uma mudança de investimentos dos pais em seus filhos, gerando um novo foco sobre o casamento. Para a mulher, a perda funcional do papel materno pode ser vivida com dificuldade, dependendo da representação do “ninho vazio”. Assim, o relacionamento entre pais e filhos adultos parece, ainda, denotar um conflito, diferente da fase adolescente, quando é mais explícito, ainda que os motivos não pareçam claros.

Dos 25% dos filhos que são casados, a relação entre sogra e nora é boa em 12,5%, relação entre sogra e nora é distante em 2,5% e relação entre sogra e nora é próxima em 2,5%. Já a relação sogro e nora, em 12,5% dos casos é boa, 5% mais próxima do que no vínculo sogra e nora e 2,5% são conflituosas. Entre sogra e genro, em 22,5% as relações são boas e entre sogro e genro, 20% são boas.

Para Carbone e Coelho (1997), nessa fase do ciclo de vida familiar, mais uma vez a complexidade está presente, na medida em que os filhos saem de casa e retornam, ainda que não de maneira definitiva, mas ocasional e intensamente, no que diz respeito à vinculação que estabelecem com seus respectivos parceiros. Esse fato ocasionará um rearranjo familiar para aceitação e inclusão de genros e noras.

Nesta pesquisa, genros costumam ter relações melhores com seus sogros do que as noras, o que pode denotar que as noras costumam levar hábitos e costumes da sua família de origem para a sua nova dinâmica familiar, enquanto que os genros aceitam melhor os padrões familiares já pertencentes dos sogros.

Com a chegada dos netos provocou aproximação entre as pessoas em 5,1%, 2,6% aumento de trabalho, 2,6% mudança nos papéis e funções, 2,6% ciúme entre as pessoas e 2,6% não houve mudanças. Sobre a experiência da avozidade, 12,8% relatam ser gratificante, sendo que um dos 40 entrevistados não respondeu esta questão. Vale ressaltar que nem todos os participantes são avós/avôs.

O nascimento de mais uma geração, segundo Carbone e Coelho (1997), provoca alterações até então pouco vivenciadas, pois os familiares que assumiam papéis de pais ou filhos passam no caso dos pais a serem avós, sogro ou sogra. Os filhos passam a ser pais e, por fim, irmãos tornam-se cunhados e tios.

O nascimento dos netos, para as autoras citadas anteriormente, traz uma mudança de papéis para o casal na maturidade. A avó imprimirá seu padrão, por meio da filha, na nova família. Parece-nos mais fácil falar das avós do que dos avôs. Poucas são as referências do papel do homem na maturidade e do papel dos avôs na estrutura da família ampliada. A geração de avós terá para as gerações mais recentes o sentido vivo da origem, uma visão pura do nascedouro dos padrões. Estarão nos avós o início e o fechamento do ciclo vital familiar.

Muitas vezes, existem aspectos inacabados e tampouco resolvidos com essa geração mais velha, que se agravam nessa fase. Isso se relaciona à dinâmica de como foi a separação emocional dos pais quando esses adultos, agora na meia-idade, estavam na idade de seus filhos, hoje jovens adultos (repetição de padrão de “ninho vazio”), implicando uma vivência dupla de resoluções de ambiguidades nessa fase da vida, que acaba gerando maior complexidade nas relações dessa etapa do ciclo vital (CARBONE; COELHO, 1997).

Identifica-se, na pesquisa, que a chegada dos netos provoca aproximação entre as pessoas para a minoria dos entrevistados, embora novos papéis e comportamentos passem a

ser adotados pelos familiares. No que diz respeito à experiência da avozidade, também a minoria relata como gratificante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura familiar está relacionada à forma como ela se configura e se movimenta diante das diversas situações as quais são colocadas. E cada sistema familiar comporta sua demanda específica, haja vista, sua pluralidade de núcleos familiares.

Sobre filhos adultos, parece estar aumentando, na nossa cultura, a saída natural do jovem adulto da casa dos pais por vários motivos, como casar, estudar, trabalhar, ter mais autonomia e independência. Por outro lado, é significativa a permanência de mais tempo dos jovens na casa dos pais e os casamentos tardios devido ao mercado de trabalho mais competitivo, maior exigência na qualificação profissional e maior liberdade da vida sexual ativa na casa dos pais. Observa-se que pais e filhos, nesta pesquisa, estão um pouco mais preparados para o processo de saída dos filhos de casa e do enfrentamento de problemas mais comuns na fase madura do ciclo vital. Mas o relacionamento entre pais e filhos adultos parece ainda denotar um conflito. Nesta pesquisa, genros adequam-se mais aos padrões familiares já estabelecidos pelos sogros (as) do que as noras, podendo explicar o resultado de melhores relações entre genros e sogros (as) do que noras e sogros (as). Geralmente, a chegada dos netos provoca aproximação entre as pessoas para a minoria dos entrevistados, embora novos papéis e comportamentos passem a ser adotados pelos membros da família, inclusive pelos avós.

Na fase madura, por exemplo, o casal pode estar mais voltado para a vida a dois, para suas questões, resgatar algo ficou no caminho, de forma leve, agradável e sem cobranças.

Entretanto, com a chegada de novos membros na família como genros, noras e netos, pode-se ampliar o olhar e as perspectivas desse casal. Quando o casal é conhecedor desse seu novo papel, eles conseguem se colocar na vida dos filhos de tal forma que não pareçam um intruso, sem fazer muitas inferências e sim, como uma rede de apoio e sustentação quando solicitados, cumpridores de seu papel de avós, zelosos e carinhosos. A experiência da avozidade é relatada nesta pesquisa como gratificante também pela minoria.

Diante de tais resultados, constata-se a necessidade de outras investigações que aprofundem o ciclo vital da família na fase madura, visto que, é um momento de possibilidade

para reaproximação do casal, bem como as redefinições de planos futuros e uma nova dinâmica no contexto familiar. Como a possibilidade de investigar esta fase do desenvolvimento humano – a fase madura- em outras dimensões socioeconômicas, bem como em diferente conjuntura regional.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M.L. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.** Zahar, Rio de Janeiro, 1987.
- BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERTHOUD, C.M.E. Visitando a fase de aquisição. *In:* Cervany, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E (Orgs). **Visitando a família ao longo do ciclo vital.** 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.31-57.
- CARBONE, A.; COELHO, M. R. M. A família em fase madura. *In:* CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.) **Família e Ciclo Vital:** nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.) **Família e Ciclo Vital:** nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CERVENY, C. M. O. Introdução. *In:* CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.) **Família e Ciclo Vital:** nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CUNHA, W. **In-dependência:** aprenda a se livrar das drogas, saiba lidar com um dependente e veja se você estimula a co-dependência. – São Paulo: Idéia e Ação, 2006.
- FALCETO, O. G.; WALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. *In:* EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (Orgs.). **O Ciclo da Vida Humana:** Uma Perspectiva Psicodinâmica. – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2013.
- FREITAS, S. Elas enfrentam o desemprego deles. **Revista mulher, lar & família.** v.4, n19, p.40-44, 2004.
- JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe:** a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- PETRINI, J.C. Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão. – Bauru, SP:EDUSC, 2003.

PETRINI, J.C.; CAVALCANTI, V.R.S. Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2005.

RAY, W.J. **Methods**. Pacific Groove, Brooks/Cole Publishing Company, 1993.

RÍOS-GONZÁLEZ, J. A. (Coord.). **Los ciclos vitales de la familia y la pareja**. Madrid: Editorial CCS, 2005.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem sucedida. *In*: FÉRES CARNEIRO, T. Org. **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005, p. 122-137. Madrid: Editorial CCS, 2005.

SALEM, T. ”**famílias em camadas médias: uma perspectiva antropológica**”, 1986.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. Porto Alegre: artmed. 1996.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. V. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.